

O PAPEL DA PSICOLOGIA NO SERVIÇO DE ACONSELHAMENTO GENÉTICO: Uma revisão bibliográfica.

THE ROLE OF PSYCHOLOGY IN GENETIC COUNSELING SERVICES: A literature review.

Jakeliny Camila Vaz
Bruno Fiuza Franco
Ariana Lucia Alves Carvalho

RESUMO: O Aconselhamento Genético (AG) é um processo multiprofissional no qual trabalhadores da saúde treinados fornecem, através de investigações clínicas, informações e orientações aos indivíduos ou familiares sobre as diagnoses e as hipóteses, sobre o risco de ocorrência e/ou recorrência de doenças genéticas. Contudo, essas informações podem eliciar alguns processos emocionais, como por exemplo angústia, medo e culpa, que podem atrapalhar o entendimento e a tomada de decisões desses consulentes e familiares. Muitas vezes, nesse processo, os conselheiros não conseguem estabelecer uma escuta ativa para certas demandas. Diante dessas intercorrências psicológicas que podem ocorrer no processo de AG, entende-se que a colaboração do aconselhamento psicológico como um trabalho multiprofissional, ofertaria suporte para a equipe, assistência emocional, orientações para os consulentes e familiares, avaliação psicossocial, ajuda nas tomadas de decisões, considerando valores, crenças e circunstâncias pessoais, suporte em luto ou perda. Além disso, também envolve-se em pesquisas e educação continuada para manter-se atualizado sobre avanços na genética e nas práticas de aconselhamento genético. Portanto, a integração desses serviços pode trazer progressos tanto para a Psicologia quanto para o Aconselhamento Genético.

Palavras-chave: Aconselhamento genético; Aconselhamento psicológico; Multiprofissional.

ABSTRACT: Genetic Counseling (GA) is a multidisciplinary process in which trained health professionals provide, through clinical investigations, information and guidance to individuals or family members about diagnoses and hypotheses, about the risk of occurrence and/or recurrence of genetic diseases. However, this information can elicit some emotional processes, such as anguish, fear and guilt, which can hinder the understanding and decision-making of these consultants and family members. And often in this process, counselors are unable to actively listen to certain demands. In view of these psychological complications that may occur in the GA process, it is understood that the collaboration of psychological counseling would enable multidisciplinary work that would offer support for the team, emotional assistance, guidance for consultants and family members, psychosocial assessment, help in decision-making considering values, beliefs and personal circumstances, support in grief or loss, as well as engaging in research and continuing education to stay up to date on advances in genetics and genetic counseling practices. Therefore, the integration of these services can bring progress to both Psychology and Genetic Counseling.

Keywords: Genetic counseling; Psychological counseling; multidisciplinar

1 INTRODUÇÃO

Desde as décadas de 1970 e 1980, serviços de Aconselhamento Genético (AG) vêm se estruturando no Brasil com uma procura significativa. No entanto, a realidade mostra que ainda há um grande número de pacientes e famílias que desconhecem completamente a condição genética que os afeta, seja ela pura ou influenciada por genes. Na maioria dos casos, esses indivíduos não receberam investigação adequada para identificar os fatores genéticos envolvidos (Brunoni, 2002).

O Aconselhamento Genético, segundo a Organização Mundial da Saúde, é um processo abrangente que vai além da simples testagem. É um processo psicoeducacional que guia indivíduos e famílias para a compreensão dos riscos das implicações de condições genéticas. Através da análise do histórico familiar e da realização de testes genéticos, mapeiam-se as predisposições genéticas de cada indivíduo. Essa jornada de autoconhecimento permite que as pessoas tomem decisões informadas sobre sua saúde reprodutiva e o futuro de suas famílias (Pina-Neto, 2008).

O serviço de aconselhamento genético, assim como qualquer outro procedimento na área da saúde, baseia-se em seis princípios éticos fundamentais. Compreender esses princípios é crucial para garantir uma prática ética e responsável (Silva; Ramalho, 1997 *apud* Hannum *et al.*, 2015). São eles: 1) Beneficência, que age em prol do bem-estar do paciente, priorizando seus melhores interesses e buscando o máximo de benefícios para sua saúde; 2) Não maleficência, que busca evitar danos ao paciente, tanto físicos quanto psicológicos, durante o atendimento; 3) Autonomia do paciente, respeitando e garantindo-lhe o direito de tomar decisões informadas sobre seu cuidado, desde que esteja em plenas condições mentais; 4) Justiça, buscando assegurar a equidade no acesso à atenção à saúde, garantindo que todos os pacientes recebam o tratamento adequado, independentemente de fatores como raça, gênero, religião, status socioeconômico ou qualquer outra característica pessoal; 5) Verdade, mantendo a

honestidade na relação com o paciente, fornecendo-lhe informações claras, precisas e completas sobre seu estado de saúde e as opções de tratamento disponíveis; 6) Confidencialidade, que irá proteger as informações do paciente, garantindo que seus dados pessoais e de saúde sejam mantidos em sigilo e acessíveis apenas por profissionais autorizados.

Conforme descrito por Pina-Neto (2008), o AG assume a forma de um processo colaborativo e orientado no qual os conselheiros assumem o papel de facilitadores. Através de um trabalho conjunto com o consulente e sua família, os conselheiros buscam compreender a fundo a situação em questão e auxiliar o consulente na adaptação à nova realidade. Porém, esse procedimento pode eliciar alguns processos emocionais, como a angústia, o medo e a culpa, que podem atrapalhar o entendimento e a tomada de decisões deles e dos familiares. Isso porque, muitas vezes nesse processo, os conselheiros não conseguem estabelecer uma escuta ativa para certas demandas (Borges-Osório; Robinson, 2013).

Observando esse cenário, podemos dizer que as contribuições da psicologia se fazem necessárias de forma multidisciplinar, porém, como essas contribuições terão impacto positivo e auxiliarão para um processo de Aconselhamento Genético que não vise somente uma dimensão puramente médica, mas que considerem também as variáveis psicológicas?

Entende-se que a colaboração do conhecimento psicológico viabiliza um trabalho multiprofissional que ofertaria suporte para a equipe, assistência emocional, orientações para os consulentes e familiares, avaliação psicossocial, ajuda nas tomadas de decisões considerando valores, crenças e circunstâncias pessoais, suporte em luto ou perda, além de também se envolver em pesquisas e educação continuada para manter-se atualizados sobre avanços na genética e nas práticas de aconselhamento genético (Colmago; Biasoli-Alves, 2003 *apud* Hannun, 2015).

Este trabalho tem como objetivo geral compreender a relevância da psicologia dentro do contexto do serviço de Aconselhamento Genético. Como objetivos específicos, buscou-se entender historicamente o aconselhamento genético e o aconselhamento psicológico nos campos profissionais atuantes e psicológicos.

Entende-se que a psicologia assume um papel fundamental nesse processo, complementando a competência médica e proporcionando suporte emocional e

Psicologias em Movimento - v.5, n.2: Ago-Dez, 2025.

psicossocial abrangente, buscando garantir um atendimento humanizado, integral e centrado nas necessidades dos indivíduos e famílias que enfrentam desafios relacionados à hereditariedade. Através do acolhimento, da informação, do apoio emocional e da intervenção especializada, o psicólogo contribui significativamente para a promoção da saúde mental, do bem-estar e da qualidade de vida daqueles que buscam orientação em genética (Costa Jr., 1996).

Estudar esse tema é relevante para compreender e repensar a importância de um trabalho interdisciplinar visando beneficiar o paciente. A psicologia dentro desse serviço, diferentemente das demais profissões habilitadas para trabalhar com AG, não visa focar seu trabalho no ponto de vista genético, em virtude de a maioria das faculdades não terem uma base genética bem estabelecida na grade curricular de psicologia. Entretanto, diante dos avanços genéticos e seus benefícios, podemos ver a necessidade de um conhecimento sobre genética mais estruturado para que a psicologia possa realizar discussões mais aprofundadas. A partir disso, seria capaz também de articular as implicações das áreas da genética na área da saúde, principalmente pela viabilidade de identificar a presença de genes que aumentam a predisposição a doenças como Alzheimer, Transtorno do Espectro Autista (TEA), entre outras, possibilitando que a psicologia realize um papel crucial nos processos terapêuticos.

Buscar diferenças não significa excluir, mas, sim, tentar auxiliar cada pessoa com base no conhecimento que possuímos sobre o homem como ser biopsicossocial (Dal-Farra; Prates, 2004, p 98).

Portanto, diante dos cenários atuais, onde se tem a chance de identificar genes que intensificam a ocorrência de certas patologias, atribui a importância da intervenção psicologia nesses casos, principalmente porque, ao receber um diagnóstico, deve-se informar a esse paciente que não significa que ele expressará o distúrbio, e mesmo que venha a desenvolver, há chances de tratar e vencê-lo, juntamente com terapias físicas e psicológicas.

2 METODOLOGIA

Este estudo apresenta-se como uma revisão bibliográfica, que segundo Marconi e Lakatos (2004), é um processo de pesquisa onde o pesquisador faz um levantamento de dados, através de análises e agrupamento de ideias de diversos autores sobre um assunto específico. O processo de identificação e seleção de busca para o estudo se deu por meio de publicações indexadas em bases eletrônicas científicas como Scientific Eletronic Library Online (SciELO) e Google Acadêmico. Utilizou-se para seleção do material: artigos completos disponíveis para análise; publicados no idioma português, entre os anos 1996 a 2015, sendo excluídos os artigos que não atendiam aos critérios de inclusão, como o intervalo de tempo delimitado de 1996-2015, e que não possuíam relação direta com os objetivos deste estudo. No processo de busca foram utilizados os descritores: Aconselhamento Genético, Aconselhamento Psicológico, Psicologia e Genética, humanização no âmbito da saúde, comunicação em saúde, resultando em 20 artigos. Após leitura e avaliação dos periódicos, 09 desses artigos não atendiam aos critérios de inclusão, sendo 03 por não se enquadrarem no período analisado e 06 por divergirem do tema proposto. A amostra final contou com 11 publicações. Para a síntese dos artigos, foi elaborado um instrumento de coleta que possibilitou a estratificação de variáveis organizadoras: base de publicação, título do periódico, autores, dados do periódico, objetivos e resultados do estudo. Os artigos selecionados foram lidos de forma atenta e discutidos a partir do tema de pesquisa proposto no presente trabalho.

3 REFERENCIAL TEÓRICO

3.1 Aconselhamento genético e aconselhamento psicológico

O termo aconselhamento, segundo o dicionário Aurélio online é, genericamente, o ato ou efeito de aconselhar(-se), é um processo colaborativo entre um profissional qualificado e o consulente. Existem diversos tipos de aconselhamento, cada um com foco em áreas específicas da vida do cliente.

O Aconselhamento Genético (AG) é um processo de comunicação que lida com os aspectos humanos relacionados à ocorrência ou risco de doenças genéticas em uma família. Sendo essa a definição a mais assertiva, segundo a Sociedade Psicologias em Movimento - v.5, n.2: Ago-Dez, 2025.

Americana de Genética Humana (Epsiten, 1975 *apud* Brunoni, 2002). O AG envolve a participação de profissionais treinados para auxiliar indivíduos e famílias em cinco áreas principais:

- 1- Compreensão dos Fatos Médicos, onde o profissional de AG fornece informações claras sobre o diagnóstico, o provável curso da doença e as opções de tratamento disponíveis;
- 2- Hereditariedade e risco de recorrência, no qual o AG ajuda a entender como a hereditariedade contribui para a doença e qual o risco de ela se manifestar em outros membros da família;
- 3- Lidar com os riscos de recorrência, onde o profissional vai ajudar o consulente a explorar as diferentes alternativas para lidar com esse risco, permitindo que o indivíduo ou a família faça escolhas informadas.
- 4- Tomada de decisão em relação a ação que pareça apropriada em virtude do seu risco, objetivos familiares, padrões éticos e religiosos, atuando de acordo com essa decisão;
- 5- Ajuste da melhor maneira possível, à situação imposta pela ocorrência do distúrbio na família, bem como à perspectiva de recorrência do mesmo.

Essa definição de aconselhamento genético (AG) vai além do diagnóstico médico e da avaliação de riscos genéticos. O papel do conselheiro genético é fundamental como facilitador em um processo complexo, onde ele busca ajudar a família a entender o que está acontecendo e a se ajustar à nova realidade de ter um ou mais membros com uma doença genética. Pina-Neto (2008, p. 23) consideram o

AG como indo muito além do processo de diagnóstico médico da condição clínica e do estabelecimento dos riscos genéticos, e de que os conselheiros genéticos devem atuar como facilitadores de um processo complexo de entendimento do que está ocorrendo com a família e agindo para que os consulentes façam um processo de ajuste perante a nova situação a ser vivenciada pela família.

Segundo Pina-Neto (2008), ao longo da história, as sociedades construíram diferentes modelos para lidar com características humanas hostilizadas, como deficiências mentais e malformações congênitas. Esses modelos são o Eugenista, Preventivista e Psicológico.

O modelo Eugenista tem por objetivo central a promoção da eugenia, que visa o "aperfeiçoamento da raça humana". Essa busca pela "melhoria" se baseia em

critérios pseudocientíficos e discriminatórios, definindo características desejáveis e indesejáveis de forma arbitrária e com base em preconceitos. Para alcançar seus objetivos, esse modelo defende a utilização de medidas diretivas e coercitivas por parte do Estado. Isso se traduz na criação de leis e políticas públicas que supostamente visam à racionalidade e responsabilidade do comportamento humano (Pina-Neto, 2008).

No modelo Preventivista, prioriza-se a atuação médica no AG. Essa abordagem centraliza o diagnóstico e o aconselhamento genético em grandes centros médicos, onde a relação médico-paciente tradicional e a neutralidade são fundamentais para o sucesso do AG e a autonomia do paciente na tomada de decisões. Contudo, esse modelo gera algumas limitações, pois o fato de concentrar esse serviço em grandes centros, acaba por gerar desigualdades no acesso à atenção especializada e a ênfase no diagnóstico médico pode desvalorizar outros aspectos importantes do AG, como o apoio emocional e social (Pina-Neto, 2008).

Por fim, o modelo psicossocial considera o indivíduo como um ser biopsicossocial, ou seja, um ser integral que é influenciado por fatores biológicos, psicológicos e sociais. Essa abordagem é essencial para um AG completo e eficaz, que leve em consideração todas as dimensões da vida da pessoa, sendo essencial para oferecer apoio emocional àquelas que estão passando por um momento difícil, ajudando-as a lidarem com os sentimentos e pensamentos relacionados ao diagnóstico genético, e garantindo que o AG seja efetivo e adequado às necessidades de cada indivíduo, além de promover uma comunicação que leve em consideração todas as dimensões da vida da pessoa (Pina-Neto, 2008).

Em suma, ao longo do tempo, os modelos que abordam a deficiência sofreram uma transformação significativa, abandonando gradativamente a visão da deficiência como algo anormal, a ser corrigido. Em seu lugar, surge a valorização da diversidade e a busca por inclusão. É crucial reconhecer as falhas e os impactos negativos dos modelos anteriores, como a eugenia e o preventivismo, que marginalizam e excluem indivíduos com deficiência. A partir dessa reflexão, podemos aprimorar o modelo psicológico para construir uma sociedade mais justa e inclusiva para todos, onde a diversidade seja celebrada e cada indivíduo tenha a oportunidade de desenvolver todo o seu potencial (Pina-Neto 2008).

A psicologia tem grandes experiências, tanto prática como teórica, em relação a processos de aconselhamento em variadas situações. O psicólogo vai

Psicologias em Movimento - v.5, n.2: Ago-Dez, 2025.

estudar, analisar e tratar as questões internas, que são refletidas nos comportamentos. Esse campo profissional, assim como as especialidades médicas, é essencial para uma boa saúde do corpo, oferecendo também uma boa saúde mental. Diante de suas especialidades profissionais, o psicólogo pode trabalhar nos âmbitos educacionais, dos esportes, das organizações, da justiça, das comunicações, social e segurança.

A formação do psicólogo o habilita a atuar em qualquer uma das áreas da psicologia, descritas na Resolução CFP 13/2007, sendo elas: Psicologia Escolar/Educacional; Psicologia Organizacional e do Trabalho; Psicologia de Trânsito; Psicologia Jurídica; Psicologia do Esporte; Psicologia Clínica; Psicologia Hospitalar; Psicopedagogia; Psicomotricidade; Psicologia Social; Neuropsicologia (Resolução CFP 03/2007, S/P).

Tendo em vista que a psicologia tem metodologias baseadas no estudo científico do comportamento e da mente humana, psicólogos possuem formação para avaliar, diagnosticar e tratar uma ampla gama de transtornos mentais e comportamentais. Eles podem utilizar diversas técnicas como terapia, testes psicológicos e aconselhamentos psicológicos, para ajudar seus clientes. O aconselhamento psicológico é um processo mais direto e focado em um problema ou situação específica. O objetivo do aconselhamento é ajudar o cliente a desenvolver ferramentas para lidar com desafios e tomar decisões mais saudáveis (Schmidt, 2009).

Em 1909, Frank Parsons deu início ao aconselhamento, com a missão de auxiliar jovens na escolha de suas carreiras. O foco do aconselhamento, portanto, era desvendar as principais inclinações desses jovens, através de um processo de avaliação e autoconhecimento, eles eram direcionados para ocupações compatíveis com seus perfis e interesses (Patterson *et al.*, 1988 *apud* Scorsolini-Comin, 2014).

Com o tempo, esse campo do aconselhamento se desenvolveu e, em 1942, Carl Rogers publicou a obra *Counseling and Psychotherapy*, um marco que expandiu o campo do aconselhamento e o aproximou da psicologia clínica e da psicoterapia. Essa obra inovadora de Rogers representou um divisor de águas, consolidando o aconselhamento como uma área profissional autônoma e com uma base teórica sólida (Scorsolini-Comin, 2014).

O aconselhamento psicológico é um processo de apoio e orientação que ajuda a lidar com as situações da vida de forma mais positiva e eficaz. A importância do aconselhamento psicológico na saúde é fundamental por três

motivos: O comportamento pode ser um fator determinante na saúde e na doença, as intervenções biomédicas, por si só, não costumam serem suficientes para promover mudanças significativas e nem têm um olhar para a subjetividade do paciente. Atender às necessidades psicológicas dos utentes dos serviços de saúde é crucial para o seu bem-estar geral (Teixeira, 1996).

Sendo assim, a importância da combinação do aconselhamento genético e psicológico é de oferecer um atendimento mais completo para lidar com questões genéticas, proporcionando informações, apoio emocional e ferramentas para tomada de decisão informada, resultando em melhor qualidade de vida para indivíduos e famílias.

3.2 Aconselhamento genético nos campos profissionais atuantes e psicológicos

O Aconselhamento Genético (AG) é um processo complexo e multifacetado que impacta profundamente a vida do consulente e de seus familiares. Os profissionais atuantes no AG precisam ir além do conhecimento teórico e técnico, adotando uma postura sensível e empática que acolha as diversas emoções que afloram durante o processo. A postura ética e respeitosa deve nortear todas as ações do profissional de AG. O sigilo das informações, a não discriminação e o respeito à autonomia do consulente são pilares que sustentam a relação de confiança mútua. Ao integrar conhecimentos técnicos, habilidades interpessoais e postura ética, os profissionais de AG se tornam um agente transformador na vida de seus pacientes (Hannum, 2015).

O Aconselhamento Genético, embora em constante aprimoramento, já é uma especialidade com diretrizes próprias dentro das ciências biológicas (Hannum, 2015). Sendo assim, somente alguns profissionais são habilitados para realizar o Aconselhamento Genético, como biomédico, médico ou biólogo, desde que estes profissionais tenham uma especialização na área de Genética Médica e Aconselhamento Genético.

O modelo Biomédico abrange as técnicas e metodologias para diagnosticarem condições genéticas, e visam avaliar o risco de um indivíduo ou de um familiar desenvolver doenças genéticas, entretanto a linguagem técnica utilizada dificulta a compreensão das medidas e orientações para os consulentes, além

Psicologias em Movimento - v.23, n.2: Ago-Dez, 2023.

fornecer orientações aos médicos em relação a metodologia de análises disponíveis e aplicáveis ao caso.

Em relação a Biologia, nesse modelo o Biólogo habilitado para esse serviço trabalha com a elaboração e análise de heredogramas feitos através de um levantamento da história familiar do consultante, avaliando a estimativa de risco de ocorrências e recorrências de doenças genéticas, encaminhando a especialistas, de acordo com a demanda estabelecida, realizando a emissão de laudos, participando de grupos de pesquisas relacionados ao campo da genética humana e médica, dentre outras atividades.

No modelo médico, a graduação já lhes permite fazer uma avaliação clínica com anamnese detalhada. Ao se especializar em genética médica, esse profissional está habilitado para investigações diagnósticas de anomalias congênitas e alterações cromossômicas, cânceres hereditários, podendo verificar a relação de fatores ambientais com as anomalias congênitas, realizar exames físicos nos pacientes afetados, prescrever tratamentos, quando necessário, e concluir o diagnóstico diante dos resultados apresentados pelos exames feitos.

Visto que o AG é do campo das ciências biológicas, o modelo psicológico empregado seria no contexto multidisciplinar, pois as informações passadas para esses consultantes no AG não estão isentas de teor psicológico e esse processo não envolve somente decisões sobre condições genéticas futuras. Ele diz respeito também a como esse indivíduo se sente, como foi a recepção de tal diagnóstico, se seus processos mentais ou emocionais permitiram a compreensão do que lhe foi passado sobre seu familiar ou a si próprio, sobre os riscos de ocorrência/recorrência, sendo um complexo estado que envolve o processo cultural em que a pessoa está inserida.

Posto isso, a psicologia, nesse contexto, assume um papel fundamental, complementando a expertise médica e genética com uma visão subjetiva e humanizada, contribuindo para o bem-estar emocional e a qualidade de vida de indivíduos e famílias que enfrentam os desafios de doenças genéticas.

4 RESULTADOS E DISCUSSÕES

Observa-se, nos últimos anos, um crescimento gradativo da atuação profissional de psicólogos no campo da saúde (Santos, 2010). Equipes profissionais, em todos os níveis de atenção à saúde e em diferentes áreas de especialização da medicina, biomedicina e outras ciências, cada vez mais, dispõem de psicólogos em seus quadros, ou solicitam serviços especializados de psicologia.

Diante da crescente demanda por Acompanhamento Psicológico (AP), a especialização dos profissionais da área se torna cada vez mais necessária. O aperfeiçoamento nesse campo proporciona um atendimento mais adequado às necessidades específicas dos pacientes, consolidando a Psicologia como uma ciência da saúde essencial para o bem-estar da população.

Um espaço onde a psicologia vem sendo requisitada para contribuir é a do Aconselhamento Genético (AG). A interdisciplinaridade se tornou essencial no AG, integrando a expertise do psicólogo à área da saúde (Santos, 2010). As diversas nuances psicológicas presentes em casos genéticos demandam uma abordagem abrangente, que combine conhecimentos médicos e psicológicos para oferecer o melhor suporte aos pacientes e seus familiares.

O Aconselhamento Genético e o Aconselhamento Psicológico, embora tenham em comum o termo aconselhamento, divergem em alguns pontos de vista como: acolhimento, escuta ativa e comunicação, pois, no AP, acolher vai além de aliviar a dor. É caminhar lado a lado com o outro, guiando-o a expressar suas angústias e transformar sofrimento em crescimento. A comunicação é a ponte que une conselheiro e utente. O conselheiro atento e receptivo, escuta as emoções e pensamentos do consulente e sua família, construindo uma linguagem acessível que acolhe e compreende (Hannum, 2015).

Segundo os estudos realizados, observa-se que o papel da psicologia no campo da genética, não é diagnosticar, mas acolher, informar e orientar o consulente e sua família durante todo o trajeto, fornecendo informações sobre o prognóstico. Não cabe ao psicólogo mais do que isso, uma vez que a grade curricular ainda não contempla um conhecimento aprofundado sobre o assunto, por isso a psicologia não é tecnicamente habilitada para ir além dos pontos citados acima, enquanto os profissionais de outras áreas atuantes nesse segmento, possuem conhecimento abrangente sobre genética humana, incluindo herança genética, doenças genéticas, testes genéticos e suas implicações.

Posto isso, o papel da psicologia nesse campo de atuação é oferecer suporte emocional, orientação e comunicação eficaz, contribuindo para a pesquisa e desenvolvimento de intervenções psicossociais. Através de sua atuação, a psicologia contribui para a melhoria da qualidade de vida de indivíduos e famílias que lidam com questões genéticas (Costa Jr., 2000).

Sendo assim, as revisões de literatura indicam que a psicologia contribui significativamente para o trabalho multidisciplinar com os profissionais atuantes no serviço de aconselhamento genético em diversos aspectos: uma melhor comunicação sobre o diagnóstico, acolhimento e escuta ativa, humanização no âmbito da saúde, identificando e lidando com reações psicológicas como a ansiedade, a depressão e o luto, além de auxiliar na tomada de decisões informadas e adaptativas (Costa Jr., 2000).

No contexto da comunicação, observa-se que o conselheiro, aderindo rigidamente ao protocolo, utilizando uma linguagem técnica, que não é acessível ao consulente, acarreta perda de oportunidades de discutir questões relacionadas à dinâmica familiar em relação ao problema diagnosticado. A falta de integração da comunicação com a fala do utente impede o estabelecimento de conexão com os temas e questões essenciais que surgem durante o aconselhamento (Hannum *et al.*, 2015).

Contudo, atualmente, essa área tem visto a necessidade de uma abordagem multidisciplinar, integrando conhecimentos da genética, medicina, psicologia e outras áreas. A comunicação em saúde é um pilar fundamental na relação entre profissionais de saúde e usuários desses serviços. Ela vai além de uma simples troca de informações, configurando-se como um processo complexo e multifacetado que impacta diretamente na qualidade da assistência prestada (Teixeira, 1996).

Comunicar notícias difíceis é uma tarefa delicada e desafiadora, sendo importante a empatia pelas pessoas que as recebem, buscando manter a calma e a atitude profissional na situação. Considerando o impacto da comunicação desse diagnóstico de doenças genéticas na família ou no próprio indivíduo afetado, podemos considerar que o acolhimento e uma escuta ativa trazem benefícios significativos.

O acolhimento é o primeiro passo para estabelecer uma relação de confiança e respeito entre o profissional de saúde mental e o paciente. Através de um ambiente acolhedor e empático, o psicólogo demonstra interesse genuíno pelas

Psicologias em Movimento - v.5, n.2: Ago-Dez, 2025.

necessidades e sentimentos do indivíduo, criando um espaço seguro para a expressão de suas dúvidas, medos e angústias. Configurando-se como uma ferramenta fundamental na construção de relações interpessoais positivas no âmbito da saúde.

A prática do acolhimento deve ser vista como um componente essencial na formação de profissionais qualificados neste campo (Maldonado, 2009). Essa característica impacta indubitavelmente a qualidade do cuidado prestado e a experiência dos pacientes reconhecendo a importância dessa ferramenta para o bem-estar dos pacientes e seus familiares.

Juntamente com o acolhimento, a escuta ativa também é uma habilidade essencial para o psicólogo no contexto do aconselhamento genético. Ela envolve prestar atenção plena ao paciente, sem julgamentos ou interrupções, demonstrando interesse genuíno pelo que ele está dizendo (Velasco, 2012). A integração do acolhimento e da escuta ativa, na formação profissional em saúde, contribui para a construção de uma cultura de cuidado mais humanizado.

A humanização na área da saúde ganhou força no Brasil durante o Movimento da Reforma Sanitária no século XX. Naquela época, questionava-se o modelo de assistência em vigor, centrado no médico, na doença e em práticas medicamentosas. Considerado oneroso, excessivamente especializado e desumano, esse modelo priorizava o conhecimento técnico-científico e distanciava os pacientes dos profissionais da saúde (Bazon, Campanelli; Blascovi-Assis, 2004).

A importância de comunicar o diagnóstico de uma deficiência, de forma adequada, torna-se cada vez mais evidente no contexto da humanização da saúde. Ao considerar o consulente como um ser integral, o profissional pode agir de maneira humanizada, levando em conta o impacto que as informações terão tanto no indivíduo quanto em sua família.

A humanização na saúde é um processo contínuo que exige o compromisso de todos os profissionais da área. É preciso estar atento às necessidades dos pacientes e buscar formas de oferecer um atendimento mais humanizado e acolhedor.

Desse modo, considerando o impacto do diagnóstico de doenças genéticas na família ou no próprio afetado e a vivência relacionada aos sentimentos diante da mudança de estilo de vida, os autores analisados afirmam que, em alguns casos, ainda há uma comunicação não esclarecedora e nem acolhedora em relação ao Psicologias em Movimento - v.5, n.2: Ago-Dez, 2025.

futuro do consulente diagnosticado. Eliciendo várias emoções e desafios para além das implicações médicas, a dinâmica familiar é profundamente impactada, redigindo adaptações e um novo olhar sobre o futuro (Hannum *et al.*, 2015).

Baseando-se em temas centrais do Aconselhamento Psicológico, como comunicação, acolhimento, escuta ativa e humanização, conclui-se que o papel de conselheiro exige mais do que conhecimento técnico e intelectual. É essencial desenvolver a capacidade de lidar com as emoções de forma eficaz, tanto as suas quanto as dos outros.

A importância da atuação do profissional de Psicologia no serviço de Aconselhamento Genético é um tema crucial no contexto da saúde, que envolve não apenas questões médicas, mas também aspectos emocionais, sociais e éticos. Visto que Aconselhamento Genético é uma área multidisciplinar que fornece informações e apoio às pessoas que enfrentam questões relacionadas à hereditariedade, riscos genéticos e tomadas de decisão complexas (Hannum, 2015).

O profissional de Psicologia desempenha um papel fundamental na compreensão e manejo das questões emocionais associadas ao processo de Aconselhamento Genético. Questões como o medo do desconhecido, culpa, ansiedade e estresse podem surgir ao confrontar questões genéticas complexas. O psicólogo está capacitado para oferecer suporte emocional, ajudar na adaptação a diagnósticos ou a prognósticos desafiadores e fornecer estratégias para lidar com o impacto psicológico da informação genética.

A partir da observação do processo de AG, pôde-se verificar que este extrapola os limites desta tarefa, envolvendo uma relação intersubjetiva na qual as informações de ordem genética não são emocionalmente neutras, podendo suscitar angústia, temores, culpas e outros sentimentos que influenciam, profundamente, as decisões pessoais dos consulentes e dos seus familiares (Hannun *et al.*, 2015 p 804).

Além disso, a atuação do psicólogo é essencial para facilitar a comunicação eficaz entre os profissionais de saúde, os pacientes e suas famílias. O Aconselhamento Genético, muitas vezes, envolve a transmissão de informações técnicas complexas, que podem ser difíceis de entender para os leigos. O psicólogo tem habilidades em comunicação e em simplificar conceitos técnicos, auxiliando na compreensão e na tomada de decisões informadas. Eles também podem ajudar a

antecipar e abordar conflitos familiares que possam surgir em torno das implicações genéticas (Teixeira, 1996).

Outro ponto importante é o suporte psicológico fornecido aos indivíduos e famílias durante todo o processo de Aconselhamento Genético. Desde a decisão de buscar aconselhamento até a implementação de planos de cuidados, o psicólogo está presente para fornecer orientação, apoio emocional e estratégias de enfrentamento. Isso é especialmente crucial em situações em que decisões difíceis, como testes genéticos, intervenções médicas ou decisões reprodutivas, precisam ser tomadas.

Além do suporte direto aos pacientes e suas famílias, o psicólogo também desempenha um papel importante na educação e sensibilização da comunidade sobre questões relacionadas à genética e à saúde mental. Isso inclui promover a compreensão dos aspectos psicossociais da genética, reduzir o estigma em torno de condições genéticas e aumentar a conscientização sobre a importância do suporte psicológico em serviços de Aconselhamento Genético.

Em suma, os artigos pesquisados constituíram fontes essenciais de conhecimento sobre como a atuação do profissional de Psicologia, no serviço de Aconselhamento Genético, é essencial para garantir que os aspectos emocionais, sociais e éticos sejam devidamente considerados no processo de tomada de decisão relacionado à saúde genética. Sua presença oferece suporte emocional, facilita a comunicação, fornece estratégias de enfrentamento e contribui para uma atuação centrada no paciente. Assim, a integração efetiva do psicólogo nesse contexto é fundamental para garantir que o Aconselhamento Genético seja abrangente, ético e compassivo.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Percebemos que nos últimos anos a atuação do psicólogo tem tido um crescimento no campo da saúde. A ocorrência de algumas necessidades dependentes do serviço psicológico para atuar junto a outras áreas como medicina, biomedicina e outras ciências, tem feito com que a atuação do profissional de psicologia seja mais presente nesse campo. O que tem feito com que esses profissionais se especializem cada vez mais, com intuito de atender com

Psicologias em Movimento - v.5, n.2: Ago-Dez, 2025.

competência as necessidades detectadas, contribuindo assim para o crescente reconhecimento da psicologia como uma ciência da saúde.

Tanto o aconselhamento genético, quanto o aconselhamento psicológico, têm em comum o termo aconselhamento, que significa auxílio ou orientação, que é prestado por algum profissional. No aconselhamento genético, temos um processo de comunicação entre um indivíduo, casal ou família e um profissional de saúde especializado em genética, com o objetivo de fornecer informações e apoio sobre as implicações genéticas de uma doença ou condição específica. Já o aconselhamento psicológico é um processo de apoio e orientação que ajuda a lidar com as situações da vida de forma mais positiva e eficaz.

É fundamental a combinação do aconselhamento genético e psicológico, pois juntos podem oferecer um atendimento mais completo para lidar com questões genéticas, proporcionando informações, apoio emocional e ferramentas para tomada de decisão informada, resultando em melhor qualidade de vida para indivíduos e famílias.

A colaboração entre a psicologia e o aconselhamento genético se configura como um elemento crucial para a oferta de um atendimento integral e humanizado, considerando as diversas dimensões que permeiam a experiência de lidar com questões genéticas. Através da sinergia entre seus conhecimentos e habilidades, psicólogos e profissionais da área genética podem contribuir significativamente para o bem-estar físico, emocional e social dos indivíduos e famílias que buscam acompanhamento nessa área.

REFERÊNCIAS

- BAZON, Fernanda Vilhena Mafrá; CAMPANELLI, Eloísa Amicucci; BLASCOVI-ASSIS, Silvana Maria. A importância da humanização profissional no diagnóstico das deficiências. **Psicol. teor. prat.**, São Paulo, v. 6, n. 2, p. 89-99, 2004. Disponível em http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S151636872004000200008&lng=pt&nrm=iso. Acesso em 15 abr. 2024.
- BORGES-OSÓRIO, Maria R.; ROBINSON, Wanyce M. **Genética Humana**. 3ed. Porto Alegre: Artmed, 2013.
- BRUNONI, Décio. Aconselhamento genético. **Ciênc. saúde coletiva [online]**. 2002, v. 7, n. 1, p.101-107. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S151684842002000400002&lng=pt
- Psicologias em Movimento - v.5, n.2: Ago-Dez, 2025.

ng=pt &nrm=iso. Acesso em 15 mar. 2024.

COSTA JR, Aderson L. Atuação profissional do psicólogo em aconselhamento genético. **Psicologia: ciência e profissão**, v. 16, p. 19-26, 1996. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/pcp/a/kC3TMrpPJ8McfC7xLr44Ptz/?lang=pt&format=html>. Acesso em 04 mai. 2024.

COSTA JR, Aderson L. **Genética e Psicologia: O Psicólogo que Trabalha com Aconselhamento Genético**. CopyMarket.com, 2000.

DAL-FARRA, Rossano André; PRATES, Emerson Juliano. A psicologia face aos novos progressos da genética humana. **Psicologia Ciência e Profissão**, vol. 24. n. pp. 94-107, 2004. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/pcp/a/67F8TbMQpPpPvQhYpfFMRLm/?format=pdf>. Acesso em 15 abr. 2024.

HANNUM, Juliana Santos Souza *et al.* Aconselhamento genético: análise e contribuições a partir do modelo de aconselhamento psicológico. **Psicologia: ciência e profissão**, v. 35, n. 3, p. 797-808, 2015. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/pcp/a/kgFh3z5cKGGvDhFWZMrprdB/?lang=pt>. Acesso em: 14 abr. 2024.

MARCONI, Marina de Andrade; LAKATOS, Eva Maria. **Técnicas de pesquisa**. São Paulo: Atlas, 2004.

MOTTA, Paulo Armando. **Genética em Psicologia.**, 1993.

PINA-NETO, João Monteiro de. Genetic counseling. **Jornal de Pediatria**, v. 84, p. S20-S26, 2008. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/jped/a/CN9MqPcMqy8yyjHDYg69gLg/?format=html&lang=en>. Acesso em 13 mar. 2024.

RESOLUÇÃO CFP 03/2007. **Conselho Federal de Psicologia**, Brasília, fevereiro de 2007. Disponível em: chrome-extension://efaidnbmnnnibpcajpcgclefindmkaj/https://site.cfp.org.br/wp-content/uploads/2007/02/resolucao2007_3.pdf. Acesso em 22 mai. 2024.

SANTOS, Helena Maria da Silva. Interface entre a genética e a psicologia: a contribuição do psicólogo no aconselhamento genético. **Revista Científica Eletrônica De Psicologia FAEF**, Ano VIII, n. 14, 2010. Disponível em: <https://faef.revista.inf.br/site/e/psicologia-14-edicao-maio-de-2010.html#tab598>. Acesso em 05 mai. 2024.

SCORSOLINI-COMIN, Fabio. Aconselhamento psicológico e psicoterapia: aproximações e distanciamentos. **Contextos clínicos (online)**, vol.7, n.1, pp.02-14, 2014. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?pid=S1983-34822014000100002&script=sci_arttext. Acesso em 20 abr. 2024.

SCHMIDT, Maria Luisa Sandoval. O nome, a taxonomia e o campo do Psicologia em Movimento - v.5, n.2: Ago-Dez, 2025.

aconselhamento psicológico. Aconselhamento psicológico numa perspectiva fenomenológica existencial: uma introdução. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2009. Disponível em: <https://repositorio.usp.br/item/001789155>. Acesso em: 22 mai. 2024.

TEIXEIRA, José A. Carvalho. Comunicação e cuidados de saúde: desafios para a psicologia da saúde. *Análise psicológica*, v. 14, p. 135-139, 1996. Disponível em: <https://repositorio.ispa.pt/handle/10400.12/3541>. Acesso em 20 abr. 2024.

BIODADOS

Jakeliny Camila Vaz

Psicóloga graduada no Centro Universitário Alfredo Nasser

Bruno Fiuza Franco

Bacharel, Licenciado e Mestre em Psicologia pela Universidade Federal de Goiás

Ariana Lucia Alves Carvalho

Bacharel em Psicologia, especialista e mestranda em Psicologia